

Clóvis Moura, incansável intelectual da práxis negra

Em 2023 completam-se 20 anos da morte de Clóvis Moura (1925-2003), intelectual cuja trajetória política e teórica se voltou para subsidiar os embates dos trabalhadores, movimentos sociais inclusos, marcados pela forte presença do povo negro. Isso contribuiu para que a obra deste proclamado, com justeza, intelectual da práxis negra, se constituísse em fonte de pesquisas sobre a formação social brasileira e as perspectivas de sua transformação.

A obra de Moura tem estimulado pesquisas sobre o conteúdo de sua produção intelectual, mas também tem sido fonte de incontáveis estudos a respeito da formação social brasileira e da luta de classes no Brasil contemporâneo.

O dossiê deste número de *Lutas Sociais* é constituído por densos trabalhos que, a partir do referencial moureano, se voltam para a possibilidade de analisar aspectos da presença negra em diferentes embates ao longo da história brasileira, o que passa pela exploração capitalista, pela violência de Estado marcada por uma profunda dimensão étnico-racial em um país no qual a escolha de seus heróis nacionais; a construção de monumentos; os nomes de ruas, logradouros e rodovias; as expressões verbais; os comportamentos dos agentes da ordem; os locais de moradia; o direito efetivo de transitar em espaços públicos ou semipúblicos etc. são rígida e explicitamente configurados como acessíveis, perigosos ou inacessíveis de acordo com a cor da pele.

Esta específica articulação de ideologia e repressão é intrínseca à formação social capitalista e está longe de ser indiferente às lutas por transformação, como analisado por Clóvis Moura em praticamente todas as suas obras.

Para além dos artigos do dossiê, muito bem apresentados por seus organizadores (Maria Helena Elpidio, Márcio Farias e Weber Lopes Góes), este número de *Lutas Sociais* se completa com três artigos também voltados para importantes aspectos das relações étnico-raciais dentro e fora do Brasil.

Em “O marxismo negro: raça e classe na tradição caribenha”, Matheus de Carvalho Barros mobiliza contribuições de Cyril James, Eric Williams, Walter Rodney e Frantz Fanon para conclamar ao debate sobre temas candentes como o eurocentrismo e, sobretudo, as relações de raça e classe, que permanecem insuficientemente estudadas pelo marxismo hegemônico. No mesmo processo, o autor contribui para que se aprofunde o conhecimento da tradição marxista caribenha.

Hamilton Sebastião de Figueiredo, em “Por uma ciência libertadora: da ideia de universidade a uma universidade de ideia”, aborda as determinações históricas da difusão, pelas universidades africanas, de um ensino apoiado em fundamentos eurocêntricos e coloniais, com conteúdos incongruentes em relação ao contexto existencial do africano. Na direção contrária, Figueiredo propõe uma universidade de ideias africanas, cujas origens remontam aos tempos remotos, como as universidades do Egito, Marrocos e do Mali, que produziram saberes científicos que influenciaram não apenas o continente africano, mas também outras partes do mundo até o renascimento. Nesta perspectiva, o autor almeja traçar linhas epistemológicas com vistas a reafirmar uma universidade que seja capaz de construir conhecimentos tipicamente africanos e, neste mesmo movimento, possa compreendê-los em suas múltiplas particularidades para inseri-los em outros contextos societários.

Por fim, Helena Pontes dos Santos, com o também surpreendente artigo sobre a práxis emancipadora de Chiquinha Gonzaga, contrapõe à imagem convencional produzida sobre a artista, a apresentação de uma combativa mulher negra e muito envolvida nos embates sociopolíticos de seu tempo. Para a autora, o processo de embranquecimento da maestrina é mais um dos capítulos do genocídio do povo negro pela negação de suas contribuições ao projeto nacional. Chiquinha Gonzaga, segundo Helena Pontes, a partir da encruzilhada de classe, raça e gênero enfrentou as regras da sociedade de seu tempo e, como tal, foi incontestavelmente abre alas para muitas mulheres negras.

Em nome dos pesquisadores e pesquisadoras do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS), expresso o grande contentamento com a produção deste novo número de *Lutas Sociais*. E, como de costume, aguardamos críticas.

L. F. R. A. (Editor)